

## **LAZER, MEIO AMBIENTE E TURISMO: REFLEXÕES SOBRE A BUSCA PELA AVENTURA**

**Recebido em:** 18/03/2007

**Aceito em:** 28/03/2007

*Alcyane Marinho*<sup>1</sup>

Universidade do Sul de Santa Catarina

**RESUMO:** Este artigo traz reflexões sobre as relações entre o meio ambiente, o turismo e a atual busca pela aventura, privilegiadamente em momentos de lazer. Novas sensibilidades relacionadas às questões ambientais têm possibilitado a abertura para novas mentalidades, gerando uma variedade de práticas; dentre elas, as atividades de aventura na natureza. Por um lado, tais práticas podem conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com a natureza; contudo, por outro, o impacto negativo da exploração do espaço natural pela indústria do entretenimento não pode ser negligenciado. A educação ambiental surge, então, como uma importante saída para reflexões e ações dessas novas relações estabelecidas entre a sociedade e natureza em busca da aventura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Meio Ambiente. Lazer. Turismo.

## **LEISURE, ENVIRONMENT AND TOURISM: REFLECTIONS ON THE SEARCH FOR THE ADVENTURE**

**ABSTRACT:** This paper reflects on the relations between environment, tourism and current search for adventure, at moments of leisure, front to complexities contemporaries. On the one hand, the adventure activities in nature can lead the human beings different forms of perception and communication with nature; however, by another one, the negative impact of the exploration of the natural space for the entertainment industry cannot be neglected. The environmental education appears as an important way for reflections and actions of these new relations established between the society and nature in search of adventure.

**KEYWORDS:** Environment. Leisure. Tourism.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Florianópolis (SC). Pesquisadora do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) da UNESP de Rio Claro (SP).

## **Introdução**

As questões ambientais apontam a necessidade de releitura do território, como enfatizado por alguns autores (RODRIGUES, 1994; LUCHIARI, 2000, entre outros), na qual seja considerada e compreendida a complexidade da apropriação, da produção, do consumo, da distribuição, assim como as relações estabelecidas, no tempo e no espaço, entre a sociedade e a natureza.

Partindo desta premissa, este artigo pretende refletir sobre as relações entre o meio ambiente, o turismo e a atual busca pela aventura, privilegiadamente em momentos de lazer, frente às complexidades vividas em nossa contemporaneidade. Esta iniciativa, por sua vez, demonstra, antecipadamente, o caráter dinâmico e a diversidade de compreensões e contextualizações possíveis de serem alcançados.

Novas sensibilidades relacionadas às questões ambientais têm possibilitado a abertura para novas mentalidades, gerando uma variedade de práticas; dentre elas, as atividades de aventura na natureza. Vale lembrar que a associação de práticas esportivas à natureza não é nova, porém, as formas mais recorrentes como tais atividades têm ocorrido estão despertando, cada vez mais, novos olhares e saberes.

Neste sentido, as reflexões aqui empreendidas partem do pressuposto que as inovadoras atividades de aventura, desenvolvidas na natureza, independentemente do nome que as qualifique (“turismo de aventura”; “esporte de aventura”; “esportes radicais”, etc.), requerem um olhar cuidadoso capaz de valorizar tanto a qualidade da prática, quanto à conservação e à educação ambientais e os desenvolvimentos pessoal e social inerentes a elas.

## **Contextualizando o Tempo Presente**

O processo de globalização, como mostra Ortiz (2000), não produz a uniformidade cultural; contrariamente a isso, ele nos torna conscientes de novos níveis de diversidade e das inúmeras facetas existentes na cultura. Featherstone (1997, p.31) destaca que, caso exista uma cultura global, é melhor que não seja concebida como uma cultura comum, mas “como um campo no qual exerçam as diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural”.

Inúmeros autores refletem e apontam, na sociedade contemporânea, diferentes níveis de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais (HARVEY, 1993; FEATHERSTONE, 1997; SENNETT, 2000; SANTOS, 2001; entre outros).

Assim, as mudanças no mundo do trabalho são emblemáticas e requerem um resgate dos sentidos efetivos deste segmento (ANTUNES, 1999).

Trago, então, a contribuição de Sennett (2000) para este debate. O autor reflete sobre as novas condições impostas de trabalho, atreladas ao atual modelo capitalista e à lógica neoliberal. O autor aborda os mecanismos utilizados, neste contexto, capazes de oprimir os trabalhadores e afetar as relações que estabelecem com o trabalho e em seus grupos sociais.

Sennett (2000) aponta que a forma de organização do tempo é a característica preponderante do atual capitalismo, afetando a vida emocional das pessoas dentro e fora dos locais de trabalho. Assim como ele, outros autores também discutem esta mesma questão (SEVCENKO, 2001; VIRILIO, 1998; RYBCZYNSKI, 2000, e outros). Atualmente, não existe mais espaço para o longo prazo; os empregos são trocados freqüentemente, tarefas e funcionários são sempre substituídos.

A falta de possibilidade para o longo prazo, impede a criação de laços sociais profundos, os quais representam a conquista no tempo por meio de convivências e experiências compartilhadas. Nesta perspectiva, Sennett (2000) enfatiza que os contínuos processos de curto prazo corroem a confiança, a lealdade e o compromisso.

O autor, entre outros estudiosos do tema (GIDDENS, 1998; BECK, 1993), afirma que a instabilidade e a incerteza sempre estiveram presentes na história humana, diferindo-se apenas pela forma normal com que passaram a ocorrer. “Ansiedade trivial” é a expressão utilizada por Sennett (2000) para designar a tensão que nos acompanha cotidianamente.

Muito se lê e discute a idéia do ser humano adaptável e aberto às mudanças, constituindo-se em um ser humano livre. Porém, segundo Sennett (2000, p.135-137), a nova economia trai este desejo de liberdade, uma vez que a busca da flexibilidade e a rejeição aos próprios hábitos cotidianos, à rotina, não liberta; mas, contrariamente a isso, produz novas formas de poder e de controle. Conforme o autor, o sistema de poder encontrado nas formas de flexibilidade, na contemporaneidade, é mais sutil, porém, continua presente nas “ficções do trabalho”, entendidos como artimanhas da dominação (aqui são emblemáticos os trabalhos em equipe, tempo flexível, recursos tecnológicos diversos, etc.).

Sennett (2000) adverte que uma outra diferença significativa do mundo atual é o risco como um enfrentamento diário, requerendo um gosto pela incerteza. A vida no limite caracteriza-se em correr riscos, abandonando experiências anteriores compartilhadas e realizações e talentos pessoais. Nesta direção, o autor enfatiza a vulnerabilidade a esta exposição ao risco, capaz de corroer o caráter das pessoas; uma vez que as mudanças são diárias e estamos sempre recomeçando.

Em suas investigações sobre as características de uma sociedade moderna avançada, Beck (1993) aponta que a produção social de prosperidade é acompanhada da produção de risco. Assim, o modelo societário atual foi descrito pelo autor como “sociedade

do risco”. Outros autores, a exemplo de Spink (2001), propuseram-se a percorrer por esta linha de pensamento para entender o fenômeno da busca pela aventura; contudo, faz-se necessário ressaltar que a “transposição” de tais discussões não pode ser feita de forma tão mecânica, pois, corre-se o risco da perda do objeto de análise.

De fato, é importante enfatizar o quadro contraditório em que as atividades de aventura na natureza emergem: por um lado, as pessoas procuram, de várias formas, estar sempre em segurança (em inúmeras situações cotidianas, no trabalho, com a família, etc.) e, por outro, buscam se expor a riscos (ainda que fictícios, imaginários e controlados) em atividades de aventura na natureza.

Ambigüidades como estas são vividas na “modernidade líquida”, expressão utilizada por Bauman (2004, 2001) para caracterizar o mundo contemporâneo, repleto de complexidades e predisposto a mudar rápida e imprevisivelmente. Segundo o autor, neste quadro, origina-se uma fragilidade dos laços humanos, um “amor líquido”. O autor ressalta que as relações humanas tornam-se cada vez mais flexíveis, gerando níveis de insegurança sempre maiores. A prioridade dada a relacionamentos em redes, as quais podem ser estabelecidas ou desmanchadas facilmente (aqui, os contatos virtuais são ilustrativos) faz com que não saibamos mais manter laços duradouros.

Neste quadro que se mostra, é preciso que sejamos capazes de perceber as potencialidades das práticas de lazer diante das mudanças sociais e culturais contemporâneas, traduzidas em movimentos complexos, associados aos novos padrões de competitividade e à aceleração tecnológica, por um lado, e, por outro, capazes de estabelecer uma configuração inovadora por todas as esferas da vida humana e, por conseqüência, nos significados do lazer, do trabalho e da própria natureza (MARINHO, 2003).

Justamente por isso, é preciso reiterar que lazer e trabalho não devem ser entendidos como pólos opostos. Apesar de distintos, eles são complementares e

interdependentes na rede de relações humanas. Ressonâncias e problemáticas são incididas de um no outro e vice-versa. Por isso, justifica-se a importância das investigações na esfera do lazer, a qual tem passado por importantes transformações, as quais se referem às intensas mudanças estruturais na organização do trabalho, acima expostas, que repercutem no perfil do lazer.

### **Levantando Alguns Problemas**

O lazer, entendido como espaço privilegiado para manifestação e produção culturais vai além da mera transmissão de informações referentes aos conteúdos culturais. Não se trata, como já apontou Marcellino (2002), da consideração de um instrumento leve e eficaz, facilitador do processo de ensino-aprendizagem, para a adequação conformista de sujeitos a uma inquestionável sociedade estabelecida. É, na verdade, uma questão de participação cultural efetiva - uma das bases do exercício da cidadania, visando à autonomia dos sujeitos.

Desta forma, o lazer se constitui em ato político. Por enquanto, como adverte Santos (2000), é, sobretudo, política das empresas, da lógica excludente do capital. Contudo, é possível perceber o atrevimento de grupos e instituições que procuram estimular a produção de lazer mais próximo da sensibilidade popular, da cultura, e não simplesmente só do mercado. Essas iniciativas podem ser estimuladas e multiplicadas de inúmeras formas, podendo (e devendo) obedecer a um projeto político mais amplo, transgressor, coerente e inovador.

É notório, aqui, o movimento de retorno à natureza, no qual as pessoas têm buscado, cada vez mais, estar em contato com o ambiente natural, das mais diversas formas.

Trago, então, para esta discussão as atividades de aventura na natureza, entendidas como práticas manifestadas, em diferentes locais naturais (terra, água ou ar), cujas características se diferenciam dos esportes tradicionais, tais como: condições de prática, objetivos, motivação e meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de inovadores equipamentos tecnológicos possibilitando uma fluidez entre os praticantes e o meio ambiente. Elas são imbuídas por uma série de valores e conceitos que pertencem às novas tendências culturais características das sociedades contemporâneas. Tais características já foram abordadas e podem ser aprofundadas em outras leituras (MARINHO, 2004, 2003, 2001, 1999; MARINHO; BRUHNS, 2005).

As atividades de aventura, na maioria das vezes, são praticadas em grupos, dos quais fazem parte pessoas de diferentes estilos de vida. Em comum elas têm a descoberta de uma nova relação com a natureza e, inclusive, a descoberta de sentimentos possíveis de serem vividos coletivamente. Nesta perspectiva, os estudos de Maffesoli (2005, 1998) são pertinentes, pois enfocam justamente a possibilidade de sociabilidade na vida contemporânea, a partir do que ele denominou “tribalismo”; manifestando-se, muitas vezes, por meio de encontros efêmeros, porém intensos e identitários.

Assim como enfatiza o autor, referindo-se a diversas aglomerações contemporâneas, neste caso, nas atividades de aventura na natureza, vive-se um prazer e uma emoção compartilhados no ambiente natural e, de uma certa forma, determinadas diferenças (língua, raça, gênero) são apagadas por este sentimento coletivo.

Provavelmente, essa característica particular faça das referidas atividades uma reação à realidade atual, permeada pela velocidade do tempo, como uma forte e criativa expressão dos diferentes grupos sociais.

Faz-se necessário, de antemão, reiterar que as atividades de aventura na natureza estão, igualmente, expostas às condições de reprodução social, uma vez que o movimento

ecoturístico mais amplo, no qual estão inseridas, é permeado por relações produtivas e mercantis. Tal movimento de regresso à natureza é ideológico e pode atuar tanto em nome da conservação ambiental e da transformação social, quanto em nome da depredação ou da alienação.

Nesta perspectiva, Luchiari (2000) acredita que a compreensão da paisagem, atualmente, está diretamente relacionada à preocupação ecológica com o meio ambiente. As transformações da superfície da terra, induzidas pela ação dos seres humanos, em nenhum outro período histórico, ocorreram tão rapidamente, nem foram objeto de um conhecimento social tão generalizado. De acordo com a autora, o lado mais visível de tais mudanças ocorre na apreensão das paisagens.

A exclusão social reproduzida na utilização seletiva do território coloca em evidência as incompatibilidades entre a preservação natural e o desenvolvimento social. A preservação, hoje, representa a elitização social na seletividade dos lugares. Somente aqueles que puderem pagar pelas paisagens naturais, idealizadas no imaginário social contemporâneo, ganharão a hegemonia nesta nova configuração territorial (LUCIARI, 2000).

A própria participação em atividades de aventura na natureza deve, portanto, ser lembrada, afinal tais práticas são, de certa forma, elitizadas. Os altos custos dos equipamentos específicos, imprescindíveis para algumas modalidades, provocam acessos desiguais; bem como o fazem os custos com as viagens e com os condutores e guias locais.

Para retomar e implementar esta discussão, as idéias de Urry (2000) são muito bem-vindas. Este autor se propõe a construir uma sociologia do turismo diferente. Ele demonstra que o turismo merece atenção não apenas por suas características, mas, também, como elemento central de diversas mudanças culturais na sociedade contemporânea, conduzindo à necessidade de análise dessa “sociedade da mobilidade”. Esta que tende a exaltar, na maioria das vezes, os aspectos apenas estéticos das paisagens.

As formas de isolamento e fragmentação da vida moderna e a introdução de tecnologias móveis estão conduzindo os seres humanos a um repensar sobre os significados de proximidade, distância e mobilidade. Define-se mobilidade como o movimento do corpo entre espaços, entre localidades, entre espaços privados e públicos. Desta forma, as diversas formas de mobilidade contemporâneas (de pessoas, de informação, de objetos, de dejetos, de produtos e de serviços) exigem esforços de compreensão pelas mais diversas áreas de conhecimento.

De acordo com Urry (2000), procura-se, atualmente, pensar o novo paradigma do “social como mobilidade”. Tal iniciativa deve ser empreendida, uma vez que a sociedade da mobilidade se configura como um fluxo internacional de informação, imagens, migrações, turismo, etc., conduzindo a uma sociedade dos fluxos planetários (CASTELLS, 1996). A era da conexão é acelerada por essa mobilidade, em que as novas tecnologias de comunicação e informação são os vetores principais desse fluxo generalizado e dessa circulação de pessoas, informações, dinheiro, produtos e serviços.

Entre outros estudiosos, Lefebvre (1991), Castells (1996), Augé (1995) conseguiram observar esses fluxos globais, ressaltando que pensar o mundo contemporâneo é fazê-lo em termos de territorializações e desterritorializações, em termos de mobilidade urbana, cidades globais e não-lugares.

O turista faz parte do movimento de globalização que consagra a viagem como momento máximo da relação de troca entre os seres humanos, os objetos e os ambientes sociais. Urry (2000) aponta o surgimento de uma multiplicidade de turistas que já são considerados profissionais. São aqueles que têm uma prática de viagens tão intensa que já desenvolveram maneiras próprias de executar o turismo, criando inclusive um “olhar do turista” massificado.

Essa sociedade complexa e móvel, a qual me remeto exige, segundo Urry (2000), um pensamento, igualmente, em movimento, complexo, fluído e desterritorializado para que se consiga abranger as pequenas “inquietações” no sistema.

Com base nesse desafio epistemológico é que podemos tentar compreender as práticas sociais advindas da sociedade e da cultura da mobilidade.

Nesta perspectiva, a busca pela aventura se caracteriza pela emergência histórica de imagens, valores, conhecimentos, metáforas, paradoxos e dilemas intimamente atrelados à condição humana na sociedade contemporânea, os quais têm a singular capacidade de influenciarem a vida social como um todo.

Tanto quanto forma de canalização das tensões cotidianas, com grande teor funcionalista, a busca pela aventura, também tem um fim em si mesma. Superando esta visão funcionalista, a busca pela aventura pode evidenciar um interesse particular por uma vida com mais qualidade, com mais equilíbrio e menos tensão (SCHWARTZ, 2002).

É nesta perspectiva que os estudos de Bruhns (1997b), Marinho (1999) e Schwartz e Silva (1999) ressaltam o papel da natureza não mais como um pano de fundo, uma paisagem a ver, mas como possibilidade de ser percebida como parceira, destacando-se a possibilidade de diálogos fundamentais para a subsistência humana.

É fundamental que não negligenciemos esse movimento que revela os desejos, bem como as frustrações dos sujeitos/atores contemporâneos, os quais, por meio dessas práticas, relacionam-se com experiências, as quais nunca antes haviam imaginado concretizar, viajando, caminhando, mergulhando, escalando, voando.

Essas atividades estão envolvidas por emoções e sentimentos que extrapolam suas formas e seus conteúdos, pois se relacionam a rituais, mitos, temores, bem como a imagens de aventura, de risco, de ousadia, de distinção, estilo de vida e outros.

Em meio a este emaranhado de informações, conexões e mobilidades que nos cercam, despontam as atividades de aventura na natureza mostrando que alguns valores e princípios podem ser repensados e exaltados, ressignificando os conceitos de natureza, de turismo e de lazer.

Elementos da satisfação humana têm sido geradores, conforme evidencia Bruhns (1997a), da ampliação na atual repercussão das atividades ligadas à natureza, apontando a diversidade de opções ora encontradas à disposição.

Emerge, neste sentido, uma nova inquietação referente à necessidade de aprendizados específicos relacionados à administração e à participação em algumas atividades, como apreensão e domínio do ambiente natural, conhecimento dos equipamentos específicos, técnicas de sobrevivência na natureza, educação e preservação, técnicas apropriadas para algumas modalidades, entre tantas outras, as quais podem ter interferência decisiva nesse processo.

Questões relacionadas à formação e à atuação profissionais, requerendo competências e habilidades especializadas, são levantadas e problematizadas, sendo, atualmente, foco central de discussões em âmbitos local e nacional. Vale destacar, inclusive, iniciativas em andamento dos Ministérios do Turismo, do Esporte e do Meio Ambiente, na tentativa de propor políticas para este segmento da aventura na natureza. Mobilizações de empresas, grupos informais, escolas, ONGs e outras também são ilustrativas.

Neste contexto, algumas áreas do conhecimento têm procurado se envolver com essa temática, aprimorando estudos e redimensionando as perspectivas atuais. São emblemáticos os engajamentos da Educação Física, do Turismo, da Administração, entre outras áreas, oportunizando experiências diversas nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão. O avanço da produção científica, igualmente, precisa ser reconhecido e pode ser vislumbrado nas principais bases de dados nacionais.

Por um lado, a experimentação de novas emoções e sensibilidades, potencializadas nas atividades de aventura na natureza, de acordo com Bruhns (1997a), poderá conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. Por outro, importantes contribuições apontam críticas ao impacto negativo da exploração do espaço natural pela indústria do entretenimento e para os desafios de serem encontradas alternativas para uma prática consciente de atividade física ligada à natureza (DA COSTA, 1997).

De fato, as atividades em contato direto com o ambiente natural estão diretamente atreladas à harmonia entre os aspectos interdependentes do turismo, do lazer, da conservação, da cultura e da educação. Com isso, tais práticas tornam-se um potencial ilimitado de significações, as quais, sem critérios de efetivo compromisso, podem ser descaracterizadas, tornando-se alvo fácil de interpretações equivocadas, capazes de afetar sua integridade.

O segmento da aventura, perpassando por questões de diversos teores (sociais, políticos, econômicos, etc.) requer um olhar analítico cuidadoso e, nesta perspectiva, a educação ambiental parece ser uma importante alavanca para contribuir com o desenvolvimento qualitativo do fenômeno.

### **Visualizando Algumas Saídas**

Sorrentino (2000) discute que a crise ambiental engloba três temas centrais, os quais são visualizados nas distintas fases do ambientalismo. O primeiro é a sobrevivência, estando relacionada a nossa forma de encarar os outros seres que coabitam o planeta. Aqui, o aquecimento global e as mudanças climáticas são pontos-chave. As saídas, segundo o autor, estão atreladas a atitudes que vão desde o plantio de árvores (que é a menor parte do

problema) até a questão da redução da emissão de CO<sub>2</sub> (por meio de mudanças na nossa matriz energética, de transportes, de práticas de agricultura, etc.).

O segundo tema é a participação; constituindo-se no ponto central nos debates sobre ética e responsabilidade pública e nos distintos fazeres educacionais relacionados à temática ambiental. Para ambientalistas (principalmente da América Latina) participação significa enfatizar a questão educacional, debatendo liberdades democráticas e modelos de gestão (como administrar espaços comuns, como os micro espaços cotidianos na família, na casa, no bairro, até o planeta).

Faz-se necessário qualificar a participação. Sorrentino (2000, p.100) usa a expressão “participação consultiva”. Esta, por sua vez, pode ser decomposta em, pelo menos, cinco dimensões: infra-estrutura básica para a participação (exemplo de pessoas que moram muito longe); disponibilização de informações (condição essencial); existência de espaços de locução (imprescindíveis para transmissão, recepção e discussão das informações); tomada de decisão (qual o limite da participação? É preciso criar mecanismos de representatividade, é preciso definir quais são os limites de decisão para cada assunto e para cada grupo); subjetividade (não há participação sem que as pessoas se sintam comprometidas, envolvidas com a situação) e pertencimento (sentir-se pertencente ao local, ao planeta, à humanidade e sentir que tudo isso nos diz respeito).

De acordo com o autor em questão, é preciso dar condições para as pessoas participarem e isso significa, nos micro-espaços cotidianos e no sistema planetário de gestão, avançar na conceituação do que é participação e, em seguida, promover a sua efetivação.

Emancipação constitui-se no terceiro tema. Ao mesmo tempo em que se busca a construção de espaços coletivos de decisão (e a participação está muito ligada a isso), deseja-se a autonomia para decisões de quais caminhos seguir. São necessários mecanismos de decisão e participação que respeitem os direitos individuais e coletivos da instância local à

planetária. Partindo do debate sobre esses três temas, o questionamento de Sorrentino (2000), do qual compartilho, é: em que medida tais temas estão presentes nas práticas de educação ambiental e como podem ser incrementados?

Refletir sobre eles no contexto das correntes de educação ambiental mostra-se, portanto, como um desafio. Como são e como poderiam ser tratados? É possível a incorporação desses três princípios?

Nesta perspectiva, Sorrentino (2000) defende a multirreferencialidade (BARBOSA, 1998) como o tratamento mais adequado para o enfrentamento de sistemas complexos (MORIN, 1994). Segundo ele, isso não implica na aceitação de “tudo é relativo” ou “tudo é válido”. Quando os recursos são escassos e o tempo exige definições, é preciso optar sobre como utilizá-los eficazmente.

Todas estas inquietações e indagações de Sorrentino (2000) nos permitem estabelecer estreitas relações com o lazer, com o turismo e com as atividades de aventura na natureza, uma vez que a discussão do cuidado ambiental deve, necessariamente, perpassá-los.

As propostas caminham na direção de fomentar o compromisso de diferentes saberes e áreas com os conhecimentos que envolvem as atividades de aventura na natureza. Alguns dos tópicos importantes giram em torno do conhecimento da participação nas atividades de lazer, a qual se dá de forma espontânea, individual ou coletivamente, e em atividades programadas, constando de pequenos e grandes grupos que se reúnem constante ou eventualmente.

A oferta de atividades no âmbito do lazer e do turismo deve ser direcionada a interesses comuns, atingindo o maior número possível de pessoas, para as quais a transmissão de informação e de vivências culturais deve ser reflexiva e compartilhada, no que se refere à qualidade e diversidade, para que não conduza à perda de oportunidades de convivência, de interação e de participação efetivas.

O interesse crescente por essas práticas, dá uma dimensão de seus potenciais econômico e conservacionista. O ecoturismo está ampliando sua definição para além de turismo de natureza de pequena escala, estabelecendo-se como um conjunto de princípios que permeia todo tipo de turismo relacionado ao ambiente natural. Essa evolução do conceito aponta para as necessidades de atenção às escalas de utilização, aos impactos e aos objetivos, procurando a sintonia entre conservação, cultura, turismo e educação.

As reflexões sobre as práticas sociais, em um contexto marcado pela degradação ambiental contínua, envolve uma necessária articulação com a produção de sentidos sobre a educação ambiental. A dimensão ambiental se configura como um fator que engloba diferentes atores na esfera da educação, potencializando, interdisciplinarmente, o engajamento dos vários sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a comunidade universitária (JACOBI, 2003).

Refletindo sobre a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, em Tsibilisi, em 1977, o autor relata o início de um extenso processo global orientado na criação de condições para formar uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento, com base nos métodos da interdisciplinaridade e princípios da complexidade.

Esta esfera da educação fertiliza-se transversalmente, possibilitando a realização de experiências concretas de educação ambiental criativa e inovadoramente, junto a múltiplos segmentos da população e em vários níveis de formação (JACOBI, 2003).

Segundo Jacobi (2003), a necessidade de abordar a temática da complexidade ambiental emana da percepção quanto ao incipiente processo de reflexão sobre as práticas existentes e as inúmeras possibilidades de pensar a realidade de maneira complexa, definindo-a como um espaço onde se articulam natureza, técnica e cultura. Refletir sobre a complexidade ambiental permite a compreensão da gestação de novos atores sociais que se

mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo comprometido com a sustentabilidade e a participação. Processo este apoiado em uma lógica voltada ao diálogo e à interdependência de diferentes saberes e que, igualmente, questiona valores e premissas norteadoras das práticas sociais vigentes. O que, por sua vez, implica em transformações na maneira de pensar nos conhecimentos e nas práticas educativas.

Assim como Sorrentino (2000), o autor supracitado também evoca a necessidade de serem incrementados os meios e a acessibilidade à informação, assim como o papel analítico do poder público nos conteúdos educacionais e informativos de sua oferta, como vias possíveis de alteração do quadro atual de degradação socioambiental. Trata-se, enfatiza Jacobi (2003), de promover o crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade de todos participarem efetivamente no processo decisório, como forma de fortalecimento da co-responsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental.

Especificamente as atividades de aventura na natureza ao conquistarem mais espaços, a cada dia, como campo de reflexões e intervenções, exigem um novo perfil de profissional que, vencendo os desafios das diversas demandas sociais, reitere a validade dessa proposta como uma estratégia criativa, crítica e lúdica, facilitadora do reencontro e da simbiose dos seres humanos com a natureza. Dessa forma, apontamos para a necessidade da existência de uma pedagogia capaz de incorporar aspectos lúdicos, potencializados por meio de uma educação para o lazer e a recreação (MARINHO; DE GÁSPARI, 2003).

Nesta perspectiva, Marinho e Schwartz (2001) assinalam a necessidade de serem promovidas novas alternativas para o lazer de indivíduos interessados nas atividades de aventura na natureza. Tais alternativas, por sua vez, devem gerar, fomentar e gerenciar a qualidade da acessibilidade a esse tipo de segmento, implicando decisivamente no sucesso da

multiplicação das idéias conservacionistas e sensibilizadoras do aprimoramento da qualidade de vida.

Igualmente, é fundamental ressaltar que, assim como mostra Bauman (2003, p.133), somos todos interdependentes neste mundo que velozmente se globaliza (mas não para todos) e, devido a essa interdependência, ninguém pode ser senhor de seu destino por si mesmo. Existem tarefas que cada sujeito enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente. “O que quer que nos separe e nos leve a manter distância dos outros, a estabelecer limites e construir barricadas, torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil”. Precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais os desafios da vida são enfrentados; no entanto, esse controle só pode ser obtido coletivamente, em comunidade.

### Referências

- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo (SP): Bontempo, 1999.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares - Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas (SP): Papirus, 1995.
- BARBOSA, J.G. (Org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos (SP): EDUFSCAR, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido - sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade - a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2001.
- BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1993.
- BRUHNS, Heloisa T. Lazer e Meio Ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí, v.18, n.2, p.86-92, 1997a.
- BRUHNS, Heloisa T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia M.; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas (SP): Papirus, 1997b.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação - a sociedade em rede*. São Paulo (SP): Paz e Terra, 1996.

DA COSTA, Lamartini P. (Ed.). *Meio Ambiente e Desporto: uma perspectiva internacional*. Portugal: Universidade do Porto, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura - globalização, pós-modernismo e identidade*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo (SP): Studio Nobel: Sesc, 1997.

GIDDENS, Anthony. Risk society: The context of British politics. In: FRANKLIN, J. (Ed.). *The Politics of Risk Society*, Cambridge: Polity Press, 1998, p.23-34.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo (SP): Edições Loyola, 1992.

JACOBI, Pedro. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo (SP): Fundação Carlos Chagas. n.18, março, p.189-205, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo (SP): Ática, 1991.

LUCHIARI, Maria T.D.P. Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares. *Turismo em Análise - Revista do Dep. de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (ECA/Escola de Comunicações e Artes da USP)*, v.11, n.1, maio, 2000.

MAFFESOLI, Michael. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre (RS): Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2<sup>a</sup>.ed., 1998.

MARCELLINO, Nelson. C. *Lazer e educação*. 9<sup>a</sup>.ed. Campinas (SP): Papyrus, 2002.

MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência - Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*. Florianópolis (SC): Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física, ano XVI, n.22, jun, p.47-69, 2004.

MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003, p.1-28.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas (SP): Autores Associados, v.22, n.2, jan., p.143-153, 2001.

MARINHO, Alcyane. Do bambi ao rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. *Conexões: Educação, esporte e lazer*. Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, n.3, dez., p.33-41, 1999.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. Body relationships in an urban adventure setting. *Journal of Leisure Studies*. Forest Row, England, v.24, n.3, jul, p.223-238, 2005.

MARINHO, Alcyane; DE GÁSPARI, Jossett C. Turismo de aventura e educação: desafios e conquistas de espaços. *Turismo: visão e ação*. Santa Catarina: Universidade do Vale do Itajaí, v.5, n.1, p.29-38, jan-abr, 2003.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele M. Caverna do Fazendão: experiências turísticas de sensibilização. *Turismo em Análise*. São Paulo: ECA Escola de Comunicações e Artes da USP, v. 12, nº. 1, mai., p.80-85, 2001.

MORIN, Edgard. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo (SP): Olho d'água, 2000.

RODRIGUES, Arlete M. A questão ambiental e a (re)descoberta do espaço: uma nova relação sociedade/natureza? *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo (SP), n.73, p.35-71, 1994.

RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim de semana*. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6ª.ed. Rio de Janeiro (RJ); São Paulo (SP): Record, 2001.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. In: GARCIA, Erivelto B.; LOBO Francis (Eds.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo (SP): SESC/WLRA, 2000, p.31-37.

SCHWARTZ, Gisele M. Emoção, aventura e risco - a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, Miria S.; PINTO, Leila M. S. M. *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul (RS): EDUNISC, 2002, p.139-168.

SCHWARTZ, Gisele M.; SILVA, Renata L. Lazer, Turismo, Ecologia: contribuições para uma nova atitude. In: 11º. Encontro Nacional de Recreação e Lazer. *Anais...* Foz do Iguaçu (PR): UNIOESTE, 1999, P.418-422.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 4ª.ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo (SP); Rio de Janeiro (RJ): Record, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2001.

SORRENTINO, Marcos. Crise ambiental e educação. In: QUINTAS, J. S. (Org.). *Pensando e Praticando a Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente*. Coleção Meio Ambiente 3, Brasília, IBAMA, 2000, p.93-104.

SPINK, M. J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Cadernos de Saúde Pública*. v.17, n.6, nov/dez. Rio de Janeiro (RJ), p.1277-1311, 2001.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Tradução: Carlos Eugênio M. de Moura. 3<sup>a</sup>.ed. São Paulo (SP): Studio Nobel, SESC, 2001.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAÚJO, Hermetes R. (Org.). *Tecnociência e cultura - ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo (SP): Estação Liberdade, 1998, p.127-146.

**Endereço da Autora**

Alcyane Marinho

Rua João Pio Duarte Silva, 114, ap. 406 Bloco B

Edifício Villa Vitória - Córrego Grande

Florianópolis - SC - CEP: 88.037-000

Endereço Eletrônico: alcyane.marinho@hotmail.com